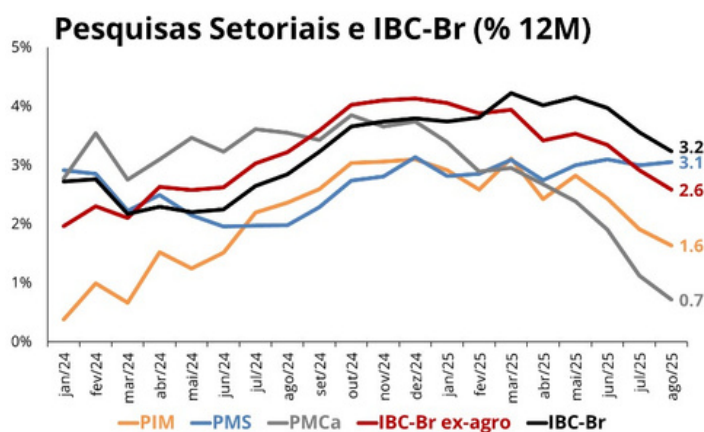


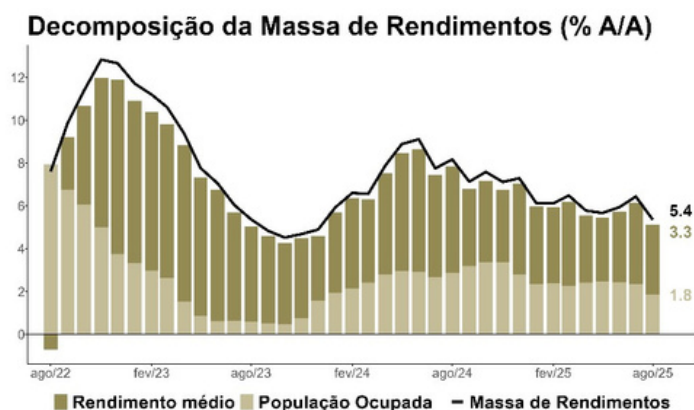
DESACELERAÇÃO MODERADA, MAS SEM RECESSÃO À VISTA

A divulgação recente de indicadores de atividade econômica, como as pesquisas setoriais do IBGE e o IBC-Br do Banco Central, confirma um cenário de desaceleração gradual da economia brasileira, embora ainda sustentado pelo setor de serviços e pelo mercado de trabalho aquecido.

Em agosto, o IBC-Br – indicador que antecipa o comportamento do PIB – registrou alta de 0,4%, após queda de -0,5% em julho. O resultado, apesar de positivo, veio abaixo das projeções de mercado, sinalizando que a economia segue perdendo tração, com ritmo de crescimento mais contido. A análise setorial revela um comportamento misto: a indústria apresentou recuperação (+0,8%), os serviços mantiveram estabilidade (+0,2%), enquanto a agropecuária recuou (-1,9%), puxando o resultado geral para baixo. O quadro reflete o impacto cumulativo da política monetária restritiva e a acomodação natural da atividade após o forte ciclo de expansão pós-pandemia.



Fonte: Fecomércio Piauí



Fonte: Fecomércio Piauí

Mesmo diante dessa moderação, a atividade econômica segue sustentada por fatores internos, em especial o mercado de trabalho robusto e o crescimento da renda real. A massa salarial real avançou 5,4% no comparativo anual e o rendimento médio real cresceu 3,3%, o que tem garantido o suporte necessário ao consumo das famílias e mantido o setor de serviços em expansão. Na prática, o que observamos é uma economia operando próxima de seu potencial, onde o espaço para novas acelerações é reduzido não por fraqueza, mas pelo nível elevado de ocupação e atividade. Essa estabilidade elevada tende a produzir uma acomodação natural, com crescimento mais moderado e dependente da capacidade de sustentação da renda e do crédito.

A recente desaceleração dos indicadores reacendeu o debate sobre uma possível recessão, mas, sob a ótica técnica, a economia brasileira não apresenta características formais que configurariam esse quadro. Ainda não há dois trimestres consecutivos de queda no PIB nem uma retração disseminada entre os setores.

De acordo com os critérios adotados pelo CODACE/FGV IBRE, semelhantes aos do NBER norte-americano, a recessão se caracteriza por uma contração ampla e prolongada da atividade econômica — o que não se observa no cenário atual. O Brasil atravessa um ciclo de moderação, com juros altos e crédito restrito pesando sobre o consumo, mas com sustentação vinda do mercado de trabalho, da política fiscal e do setor de serviços.

Dessa forma, mantemos nossa projeção de crescimento do PIB em 0,3% no 3º trimestre de 2025 e 2,3% no acumulado do ano, coerente com um processo de desaceleração gradual, mas distante de uma recessão. O Brasil segue em um ritmo mais contido, refletindo uma economia madura, que se ajusta de forma natural aos efeitos defasados da política monetária. O cenário é de moderação, não de retração — e isso é positivo para a manutenção da estabilidade econômica e do poder de compra das famílias

Por Gabriel Souza – Analista Econômico da Fecomércio Piauí